



Ano 5, Vol VIII, nº 1 , pág. 246- 265, Jan-Jun 2012

Qualidade do ambiente familiar – preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens

Orlanda Cruz,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto;
Isabel Abreu-Lima,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto
Porto, Portugal

Resumo

Apesar dos múltiplos agentes de socialização a cuja influência as crianças estão submetidas, existe um claro consenso entre os estudiosos do desenvolvimento humano acerca da família como primeiro contexto de socialização. A família, e em especial os pais, são responsáveis por construir um ambiente familiar seguro, afetivamente caloroso, estimulante, estruturado e capaz de supervisionar a ação da criança e do jovem, sempre tendo em vista o seu bem-estar e desenvolvimento.

Este artigo pretende apresentar uma breve síntese da literatura sobre o conceito de qualidade do ambiente familiar e sobre a investigação que tem sido realizada com o Inventário HOME (Home Observation for the Measurement of the Environment; Caldwell & Bradley 1984; 2003), nomeadamente no que diz respeito aos preditores e às consequências da qualidade do ambiente familiar para o desenvolvimento das crianças e dos jovens.

Abstract

Despite the many socialization agents whose influence children are subjected to, there is a clear consensus among scholars in the human development field about the central role of family as the first socialization context. Families and parents in particular, are responsible for building secure, emotionally warm, stimulating and structured family environments, and to supervise the behaviours of their children, bearing in mind their well being and development. This article presents a brief overview of the literature on the concept of quality of family environment and on the research that has been conducted with the HOME Inventory (Home Observation for the Measurement of the Environment, Caldwell & Bradley 1984, 2003), particularly in what concerns the predictors and consequences of the quality of family environment for the development of children and youngsters.

De acordo com as perspectivas teóricas atuais sobre o desenvolvimento, o ser humano e o seu meio ambiente são partes integrantes de uma mesma unidade, estabelecendo-se entre eles um processo contínuo e recíproco de interações.

As famílias são, para a grande maioria das crianças em qualquer sociedade ocidental, o contexto básico e primordial de socialização, essencial para a atualização do seu potencial biológico, apesar das transformações verificadas nas suas formas e configurações, que refletem a dinâmica da sua interligação e dependência face a outros sistemas sociais mais vastos.

As relações familiares constituem o protótipo das relações sociais e são por isso a forma mais perene de relação humana, afetando profundamente a competência, a resiliência e o bem-estar de cada indivíduo. Por outro lado, a família é em si mesma um sistema social, que se encontra inserido num conjunto complexo de vários outros sistemas mais abrangentes que afetam o seu funcionamento. Esta concepção ecológica da família permite compreender que, para além de um sistema regulador das relações entre os seus membros, a

família é também um sistema mediador da influência de outros sistemas sociais e culturais mais distantes.

Um olhar sobre a família pode por isso assumir uma dupla vertente. Por um lado, um enfoque sociológico, considerando-a como uma unidade social que estabelece relações com outras instituições sociais, mas também um enfoque psicológico, atentando na sua função socializadora, nos fatores intrafamiliares e no seu papel no desenvolvimento e educação das crianças. É esta perspectiva que iremos adotar ao longo deste trabalho, procurando clarificar e sistematizar dimensões processuais e estruturais que definem o ambiente familiar para melhor compreender o impacto em termos do desenvolvimento e da socialização das crianças.

É importante esclarecer que um enfoque no ambiente familiar, mais do que nas características particulares dos pais ou dos filhos, implica uma abordagem do contexto familiar como um cenário onde se inter cruzam dimensões físicas (por exemplo, os espaços e os materiais disponíveis), dimensões organizacionais (por exemplo, as rotinas e os castigos), dimensões interpessoais (por exemplo, a tonalidade das interações e a responsividade materna) e até dimensões simbólicas. O cenário inclui por isso pessoas, objetos e atividades, que muitas vezes ultrapassam o ambiente físico da casa onde a família vive (Abreu-Lima, 2005).

Em nossa opinião e na de muitos autores, o ambiente familiar é um conceito complexo, constituindo o fulcro de acção de um amplo conjunto de variáveis proximais, e simultaneamente poderoso, em termos do seu impacto no desenvolvimento infantil. Este artigo pretende apresentar uma breve síntese

da literatura, seletiva e não exaustiva, sobre a qualidade do ambiente familiar, a sua conceptualização e avaliação, os seus preditores e as consequências no desenvolvimento da criança e do adolescente, contribuindo para clarificar a sua relevância quer em termos conceptuais, quer em termos práticos.

As funções da família enquanto contexto de socialização

A família, e em particular as figuras parentais, é responsável por assegurar o bem-estar e promover a adaptação e o desenvolvimento das crianças. Neste sentido é atribuída à família a responsabilidade de assegurar as funções de (1) manutenção e segurança (2) estimulação (3) apoio socio-emocional (4) estrutura (5) supervisão e (6) integração social (Bradley, 2006). Estas funções são de seguida analisadas com algum pormenor.

Os pais devem assegurar as funções de *manutenção e segurança*, garantindo as condições básicas de alimentação, higiene, saúde, etc, necessárias à integridade biológica e ao bom desenvolvimento físico e psicológico das crianças. À medida que a criança cresce, o exercício destas funções vai sendo traduzido em comportamentos parentais diversos. Por exemplo, com uma criança que começa a dar os primeiros passos sozinha, o ambiente deve estar organizado no sentido de prevenir acidentes (acesso livre a escadas, a tomadas elétricas, objetos quentes, etc). No caso de uma criança de idade escolar, será necessário verificar se os seus percursos fora de casa são seguros, e no caso de um adolescente, os pais deverão assegurar-se de que as vacinas continuam em ordem.

Os pais são responsáveis por garantir que os ambientes em que a criança ou o jovem estão inseridos, fora ou dentro de casa, são ambientes *estimulantes* do ponto de vista psicomotor, intelectual e social. Se nos primeiros anos de vida, a qualidade da estimulação do ambiente familiar é especialmente pertinente, não é menos verdade que a família é a principal responsável pela seleção dos contextos extra-familiares que a criança frequenta, em muitos casos, desde muito cedo. Uma estimulação de qualidade pode assumir formas diversas, mas sempre adequadas em função do nível desenvolvimental da criança ou adolescente, como por exemplo experiências culturais e recreativas ajustadas, instrução directa através dos *media* e interação com parceiros mais competentes.

O *apoio socio-emocional* corresponde a uma das funções mais evidentes da família. Para que uma criança se possa desenvolver de forma harmoniosa é fundamental que a qualidade das relações de afeto estimulem o desenvolvimento de sentimentos de segurança face a ela própria, à(s) pessoa(s) que cuida(m) habitualmente dela e às relações que mantém com ela(s). A teoria da vinculação (cf. Bretherton, 1985) ajuda-nos a compreender a importância que assumem as figuras parentais disponíveis e responsivas, tendo em vista o desenvolvimento de modelos internos de vinculação seguros na criança, propiciadores das competências de exploração do meio onde ela se integra. Neste sentido, um ambiente familiar onde existem relações afetivas calorosas e responsivas às necessidades e interesses dos filhos é igualmente relevante, independentemente da idade das crianças.

Os pais são responsáveis por propiciar à criança um ambiente *estruturado*, sendo de considerar aqui os aspectos espaciais e temporais. Do ponto de vista espacial, espera-se que os pais organizem o ambiente físico da casa, de maneira a que a criança possa desenvolver um sentimento de previsibilidade face aquilo que nele ocorre. Por exemplo, a criança deve ter um espaço seu para dormir, brincar ou estudar, com os seus pertences para que, quando os quiser utilizar, saiba onde estão. Do ponto de vista temporal, a estruturação traduz-se em rotinas diárias e semanais consistentes, também elas funcionando como um garante do desenvolvimento de previsibilidade na criança, ou seja, existindo uma rotina com regras específicas, a criança aprende a reconhecer o que se vai passar no momento seguinte e internaliza essa estrutura. É importante também referir que este ambiente estruturado pode ultrapassar as fronteiras da casa propriamente dita, já que a rotina das crianças inclui habitualmente a frequência de outros espaços e contextos que não a casa.

As funções de *supervisão* podem ser exercidas de forma ampla, quer em situações mais relacionadas com a segurança da criança (por exemplo, quando a criança pequenina começa a explorar o meio ambiente de uma forma mais autónoma), quer em situações de aprendizagem (por exemplo quando a criança precisa do apoio de um parceiro de interação mais competente para resolver um problema), quer ainda em situações socio-morais (por exemplo, quando é necessário afirmar os limites junto da criança ou do adolescente perante comportamentos que vão contra as regras socio-convencionais ou os princípios morais).

A família tem também a responsabilidade de promover a *integração social* dos seus membros na comunidade em que está inserida. Especificamente, os pais devem decidir que contextos extra-familiares os seus filhos vão frequentar, sejam eles de caráter formal (como o jardim-de-infância, a escola ou atividades extra-curriculares) ou informal (como a casa de amigos ou o grupo de pares). A integração da criança na comunidade aumenta o seu capital social e a probabilidade de alcançar bons níveis de adaptação e sucesso.

Obviamente estas diferentes funções dos pais não são independentes, por exemplo, um ambiente familiar estruturado por norma é um garante de manutenção e segurança, um ambiente estimulante está associado à supervisão e estas duas funções estão fundamentais para a integração social. É portanto relevante definir um ambiente familiar de qualidade, tendo como critérios a promoção do bem-estar, adaptação e desenvolvimento harmonioso das crianças.

Avaliação da qualidade do ambiente familiar – o Inventário HOME

A qualidade do ambiente familiar tem sido estudada através do recurso ao Inventário HOME (Home Observation for the Measurement of the Environment; Caldwell & Bradley 1984; 2003). Este instrumento surgiu na década de 1960 e tem sido amplamente utilizado em diferentes culturas e nos vários continentes (Bradley & Corwyn, 2005). A título ilustrativo, refiram-se apenas alguns dos trabalhos da última década na Escócia (Burston, Puckering & Kearney, 2005), em Portugal (Abreu-Lima, 2005, Cruz & Aguiar, 2008;

Cruz, Abreu-Lima, Barros, Costa & Pacheco, 2011), na Alemanha (Titze, Koch, Helge, Lehmkuhl, Rauh, & Steinhausen, 2008), no México (Marquez-Caraveo, Pérez-Martínez & Méndez-Ramírez, 2007), no Brasil (Anselmi, Piccinini, Barros & Lopes, 2004; Santos, Assis, Bastos, Santos, Strina, et al., 2008), na Indonésia (Zevalkink, Riksen-Walraven, & Bradley, 2008), na China (Chi & Rao, 2003), na Índia (Nair, Prasanna, Jeyaseelan, George, Resmi, & Sunitha, 2009) e no Bangladesh (Black, Baqui, Zaman, McNary, Le, et al., 2007).

O principal objetivo da HOME consiste em avaliar as características do ambiente familiar “que têm potencial para influenciar o comportamento e o desenvolvimento da criança, isto é, as oportunidades, os constrangimentos e os desafios que o ambiente oferece à criança” (Bradley, 2004, p. 244). A avaliação é feita tendo em consideração as experiências da criança no seu dia-a-dia, não se limitando estritamente ao ambiente físico da casa e incluindo outros acontecimentos e espaços relacionados com a vida familiar.

Atendendo a que o ambiente familiar deve estar adequado às características desenvolvimentais das crianças e adolescentes, existem diversas versões da HOME, consoante a idade e a existência de incapacidades na criança. Assim, as versões base inicialmente desenvolvidas para famílias de crianças sem incapacidades são quatro (Caldwell & Bradley, 1984). Em português designamo-las pela faixa etária a que se aplicam: 0 a 2 anos, 3 a 5 anos, 6 a 10 anos, e 11 a 15 anos. Posteriormente foram construídas versões adaptadas das versões 0 a 2 anos, 3 a 5 anos, 6 a 10 anos para famílias de crianças com deficiências visual, auditiva e motora e com atrasos do desenvolvimento. As versões da HOME 0-2 anos e 3-5 anos foram ainda

adaptadas para avaliar a qualidade de contextos não formais, como a casa de familiares e a casa de amas, frequentados pelas crianças (Bradley, Caldwell, & Corwyn, 2003).

As diversas versões da HOME integram um número variável de itens (45 a 60) de resposta dicotômica (0: ausente; 1: presente) organizados num número variável de subescalas (seis a oito). Da administração da HOME é possível retirar uma nota total e uma nota para cada subescala, resultante do somatório dos itens respectivos.

Apesar de os critérios de qualidade do ambiente familiar poderem variar em função da idade da criança, existe uma sobreposição considerável entre algumas dimensões avaliadas nas subescalas das diversas versões da HOME. A tabela 1 apresenta as quatro versões base da HOME, evidenciando precisamente essa sobreposição. Por exemplo, a Responsividade é uma dimensão presente nas quatro versões, apesar de na versão 11-15 anos ser nomeada de Aceitação. Pelo contrário, as dimensões Envolvimento materno, Estimulação da linguagem e Estimulação acadêmica são específicas de uma só versão.

Da mesma forma, alguns itens, sendo semelhantes nas diversas versões, apresentam critérios de cotação mais exigentes à medida que se avança das versões para famílias de crianças mais novas para mais velhas. Por exemplo, a criança deve ter pelo menos 3 livros (na HOME 0-2 anos), acesso a pelo menos 10 livros (na HOME 3-5 anos e na HOME 6-10 anos) e acesso a pelo menos 20 livros (na HOME 11-15 anos). Outro exemplo é: devem ser visíveis 10 livros, incluindo livros com aparência de pouco uso (HOME 0-2 anos e 3-5 anos) e

uma estante cheia de livros (HOME 11-15 anos). Outro exemplo ainda: a mãe apresenta um discurso claro (HOME 0-2 anos), gramática e pronúncia correctas (HOME 3-5 anos), usa expressões verbais com alguma complexidade (HOME 6-10 anos), ou usa frases com estrutura complexa e palavras extensas (HOME 11-15 anos). O pressuposto subjacente consiste em considerar que a intervenção do meio ambiente terá de ser mais complexa, tanto em termos qualitativos como em termos quantitativos, à medida que a idade avança, para se traduzir em estímulos realmente promotores do desenvolvimento da criança e do jovem.

Tabela 1

As quatro versões da HOME e respectivas subescalas.

0-2 Anos (45 itens)	3-5 Anos (55 itens)	6-10 Anos (59 itens)	11-15 Anos (60 itens)
I. Responsividade	IV: Responsividade	I. Responsividade	VII. Aceitação
II. Aceitação	VIII. Aceitação	III. Clima emocional	VII. Aceitação
III. Organização	III. Ambiente físico	VIII. Ambiente físico	I. Ambiente físico
IV. Materiais de aprendizagem	I. Materiais de aprendizagem	IV. Materiais de aprendizagem	II. Materiais de aprendizagem
V. Envolvimento materno			
VI. Variedade	VII: Variedade	V. Estimulação activa	VI. Participação da família
		VI. Participação da família	
		VII. Implicação familiar	
	II. Estimulação da linguagem		
	V. Estimulação académica		
	VI. Modelagem		III. Modelagem
		II. Estimulação da maturidade	IV. Promoção da auto-suficiência
			V. Actividades reguladoras

Considerando que o objectivo da HOME consiste em compreender, do ponto de vista da criança, as experiências e oportunidades de estimulação proporcionadas pelo contexto familiar, considera-se imprescindível recolher a informação através de uma visita à casa da família, estando a criança presente. Os procedimentos de administração incluem a observação direta do ambiente e uma entrevista semi-estruturada à pessoa responsável pela organização do quotidiano da criança (em geral a mãe). Em média a administração da HOME demora 45 a 90 minutos, dependendo das versões. Quer a administração, quer a cotação da HOME exigem treino específico.

Preditores da qualidade do ambiente familiar

A investigação com a HOME, realizada em diferentes contextos sociais e culturais, tem evidenciado a importância do estatuto socio-económico da família, da condição de pobreza e da pertença a um grupo étnico ou cultural como variáveis predictoras da qualidade do ambiente familiar. Atente-se de seguida a alguns destes resultados.

Quanto mais elevado o estatuto socio-económico (e os indicadores que lhe estão associados, como por exemplo, a escolaridade das mães), mais elevada será a qualidade do ambiente familiar. Esta associação surgiu em estudos conduzidos em diferentes países (cf. Bradley & Corwyn, 2005; Bradley, Corwyn & Whiteside-Mansell, 1996), e foi também identificada em Portugal (Abreu-Lima, 2005; Cruz, 2006, Cruz, et al., 2011). De uma forma geral, famílias não só com maior capital económico, mas também com maior capital cultural, tendem a promover junto das crianças experiências mais

estimulantes e interações mais consistentes. De notar porém, que as associações são apenas de valor moderado, pelo que não deve ser assumida uma perspectiva determinista do estatuto socio-económico face à qualidade do ambiente familiar. Por outro lado, um estudo realizado em Portugal com crianças de idade pré-escolar revela que as notas na HOME apresentam pouca variabilidade em famílias de nível socioeconómico elevado, e maior variabilidade em famílias de nível socioeconómico baixo (Abreu-Lima, 2009). Este facto permite compreender por um lado os valores de associação mais baixos encontrados entre a qualidade do ambiente familiar e resultados das crianças nas famílias mais favorecidas. Por outro lado, indica que nem todas as crianças oriundas de famílias desfavorecidas estão votadas ao insucesso, já que a sobreposição entre qualidade do ambiente familiar e nível socioeconómico da família não é total e algumas famílias apesar da fragilidade económica conseguem proporcionar às suas crianças ambientes com qualidade.

A pobreza é uma condição socio-económica específica e particularmente prejudicial no que toca à qualidade do ambiente familiar e, consequentemente, ao desenvolvimento da criança. Bradley, Corwyn, McAdoo e Garcia-Coll (2001) compararam famílias americanas de diversas etnias, tendo verificado que a associação entre pobreza e qualidade do ambiente familiar é mais forte que a associação entre pobreza e grupo étnico. A situação de pobreza contribui para aumentar o stresse das famílias e para diminuir a probabilidade de as crianças usufruírem de experiências estimulantes e interações consistentes, tanto dentro como fora das suas casas (Bradley *et al.*, 2001). Nas famílias abaixo do limiar de pobreza, independentemente do seu

grupo étnico, as mães conversavam menos com os seus filhos, utilizavam mais intervenções disciplinares punitivas e supervisionavam menos as ações das crianças; estas, por seu turno, tinham menos livros adequados em casa, menos interações com parceiros mais competentes (que lessem para elas ou lhes ensinassem conceitos) e menos experiências interessantes fora de casa (por exemplo, visitar museu ou ir ao teatro).

A qualidade do ambiente familiar como preditora do desenvolvimento das crianças

A investigação com a HOME tem demonstrado o seu valor preditivo face a indicadores de desenvolvimento intelectual, realização escolar e aptidões verbais das crianças (Zevalkink et al., 2008). Relativamente aos indicadores de desenvolvimento social e emocional, os estudos são menos numerosos e mais recentes. Dado que as versões da HOME para famílias com crianças de idade escolar e adolescentes são mais recentes, também existe menos investigação com estas faixas etárias. Atente-se de seguida a alguns resultados da investigação realizada neste domínio.

De uma forma geral, os estudos encontram uma associação positiva entre a qualidade do ambiente familiar e as medidas de desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças até à idade escolar (cf. Bradley & Corwyn 1999). Esta associação parece ser independente do sexo das crianças, do grupo étnico e do estatuto socio-económico (Bradley, Corwyn, & Whiteside-Mansell, 1996; Palacio-Quintin & Terrise, 1997; Palacios, Lera & Moreno, 1994). Um estudo realizado em Portugal com crianças de quatro a seis anos indicou porém

que a associação verificada entre a qualidade do ambiente familiar e os indicadores de desenvolvimento tende a desaparecer depois de controlada a escolaridade das mães (Cruz, 2006).

A qualidade do ambiente familiar também aparenta ter um valor preditivo a longo prazo do desenvolvimento intelectual e dos resultados acadêmicos, tal como é demonstrado por estudos realizados com um desenho longitudinal (Bradley, Caldwell & Rock, 1988, Cruz, et al., 2011; Espy, Molfese, DiLalla, 2001). Alguns estudos apontam ainda para o papel moderador de variáveis socio-demográficas. Por exemplo, a associação entre qualidade do ambiente familiar e estatuto desenvolvimental das crianças parece ser mais forte nos grupos socialmente mais favorecidos (Bradley, Corwyn, McAdoo, & Coll, 2001), bem como no grupo de famílias brancas em comparação com o grupo de famílias negras, sendo inexistente no grupo de famílias latinas (Bradley, Caldwell, Rock, Ramey, Barnard, et al., 1989).

Para além da nota total, a HOME permite ainda utilizar as notas das subescalas. A partir dos dados da *National Longitudinal Survey of Youth*, Bradley, Corwyn, Burchinal, McAdoo e Garcia Coll (2001) analisaram as dimensões da HOME que melhor se relacionavam com alguns indicadores de realização da criança. Os autores verificaram que a Estimulação académica, a Responsividade e o Ambiente físico se associavam consistentemente à realização académica e ao vocabulário, independentemente do grupo étnico de origem. Relativamente à versão da HOME 11-15 anos, a associação entre qualidade do ambiente familiar e indicadores de desenvolvimento varia em

função do grupo étnico de origem da família (Bradley, Corwyn, Caldwell, Whiteside-Mansell, Wasserman & Mink, 2000).

Analisando agora o valor preditivo da qualidade do ambiente familiar face ao desenvolvimento social, Bradley e Corwyn (1999) resumiram as relações encontradas com algumas subescalas da HOME, verificando que, em particular, a subescala Responsividade na versão HOME 0-2 prediz a competência social das crianças. Um estudo mais recente revela que as notas na HOME 3-5 anos prediziam dois tipos de comportamentos interativos da criança face ao adulto, o negativismo e a obediência, sendo que níveis superiores de negativismo e de desobediência em contexto de jogo estavam associados positivamente a notas mais baixas na HOME nas crianças de idade pré-escolar (Zevalkink, Riksen-Walraven & Bradley, 2008).

A partir dos dados da *National Longitudinal Survey of Youth*, atrás referida, Bradley, Corwyn, Burchinal, et al. (2001) verificaram que, tal como seria de esperar, a Responsividade aparece associada à competência social das crianças. De forma menos espetável, verificaram ainda que a Estimulação académica, para além de apresentar um valor preditivo importante dos indicadores de carácter cognitivo, também predizia a competência social e os problemas de comportamento, independentemente do grupo étnico, do grupo etário e do estatuto de pobreza. Estes resultados foram apoiados por Fuligni, Han & Brooks-Gunn (2004), revelando que um ambiente familiar estimulante do ponto de vista cognitivo, também parece ser uma condição necessária para o desenvolvimento social da criança. O papel influente do ambiente familiar no desenvolvimento da criança parece não se exercer de uma forma parcelar, com

determinadas dimensões associadas a determinados resultados nas crianças. Um ambiente familiar estimulante do ponto de vista acadêmico é porventura um ambiente estruturado também em termos de regras sociais; por outro lado, se as crianças são estimuladas a ocupar o seu tempo em atividades de aprendizagem acadêmica, terão menos disponibilidade para apresentarem comportamentos socialmente inadequados e desorganizados, característicos de uma baixa competência social.

Finalmente, a qualidade do ambiente familiar aparece negativamente associada a indicadores de perturbação nas crianças, como é o caso dos problemas de comportamento (Bradley, Corwyn, Burchinal, *et al.*, 2001) e dos sintomas de hiperatividade e desatenção (O'Mahony, Lai & Mulligan, 2009).

Conclusão

Os estudos realizados acerca da qualidade do ambiente familiar recorrendo à HOME abrangem famílias de crianças de grupos etários distintos, em diferentes contextos socio-económicos, étnicos e culturais, sendo avaliadas áreas do desenvolvimento das crianças também distintas. Por estes motivos, as conclusões a retirar são necessariamente limitadas e pretendem destacar os aspetos transversais às diversas investigações.

Uma primeira conclusão refere-se à relevância do conceito de qualidade do ambiente familiar e à sua avaliação através do inventário HOME. A frequente utilização do inventário HOME, nas suas diferentes versões, ao longo das últimas décadas em diferentes países, com grupos cultural e socialmente distintos e de diferentes estratos económicos, e as inúmeras referências que lhe

são feitas na literatura, seriam motivo suficiente para lhe conferir um lugar de destaque na literatura e na investigação no domínio da família e do desenvolvimento infantil.

A revisão feita permite também concluir pela existência de associações baixas a moderadas entre as notas na HOME e medidas de desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Os padrões de relação entre as notas na HOME e os resultados observados nas crianças podem variar em função do grupo étnico ou cultural e do estatuto socioeconómico das famílias, pelo que é importante atentar aos efeitos moderadores destas variáveis.

A informação recolhida através do inventário HOME aparenta ser uma mais-valia quando o objetivo é predizer o comportamento da criança a partir de variáveis da família. Apesar de não estar completamente demonstrada a relação entre a qualidade do ambiente familiar e a escolaridade materna, existe evidência de que se trata de um conceito poderoso para explicar alguns resultados das crianças, principalmente no domínio cognitivo. A qualidade do ambiente familiar aparece fortemente associada aos resultados neste domínio, e em alguns casos, com o domínio social.

Apesar da sua forte associação com marcadores do nível socioeconómico das famílias, tudo indica que a qualidade do ambiente familiar, tal como é avaliada pela HOME, é um conceito bem mais amplo e poderoso, e mais fortemente implicado nos resultados desenvolvimentais das crianças. O seu potencial reside não apenas no facto de constituir um instrumento válido para a investigação, mas também ao nível da intervenção visando a promoção da competência das famílias como agentes educativos.

Referências

- Abreu-Lima, I. (2005). Avaliação do ambiente familiar e seu impacto na educação e desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar. In J. Bairrão (Coord.), *Desenvolvimento: contextos familiares e educativos* (pp. 98-140). Porto: Livpsic.
- Abreu-Lima, I. (2009). Quality of home environment and development of children: a study using home inventory. *Psicologia*, 23, 115-128.
- Anselmi, L., Piccinini, C. A., Barros, F. C., & Lopes, R. S. (2004). Psychosocial determinants of behaviour problems in Brazilian preschool children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45, 779-788.
- Black, M., Baqui, A., Zaman, K, McNary, S., Le, K., Arifeen, S., Hamadani, J., Parveen, M., Yunus, Md., & Black, R. (2007). Depressive symptoms among rural Bangladeshi mothers: Implications for infant development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48, 764-772.
- Bradley, R. H. (2004). Chaos, culture, and covariance structures: A dynamic systems view of children's experiences at home. *Parenting: Science & Practice*, 4, 243-257.
- Bradley, R. H. (2006). Home environment. In N. Watt, C. Ayoub, R.H. Bradley, J. Puma & W. LaBoeuf (Eds.), *The crisis in youth mental health, vol. 4: Early intervention programs and policies* (pp. 89-120). Westport, CN: Greenwood Publishing Group.
- Bradley, R. H., Caldwell, B., & Corwyn, R. F. (2003). The Child Care HOME Inventories: assessing the quality of family child care homes. *Early Childhood Research Quarterly*, 18, 294-310.
- Bradley, R. H., Caldwell, B. M., & Rock, S. L. (1988). Home environment and school performance: A ten-year follow-up and examination of three models of environmental action. *Child Development*, 59, 852-867.
- Bradley, R., Caldwell, B. M., Rock, S., Ramey, C. T., Barnard, K. E., Gray, C., Hammond, M. A., Mitchell, S., Gottfried, A. W., Siegel, L., & Johnson, D. L. (1989). Home environment and cognitive development in the first 3 years of life: A collaborative study involving six sites and three ethnic groups in North America. *Developmental Psychology*, 25, 217-235.
- Bradley, R. H. & Corwyn, R. (1999). Parenting. In C. Tamis-LaMonda & L. Balter (Eds), *Child psychology: A handbook of contemporary issues* (pp. 339-362). NY: Garland.
- Bradley, R. H. & Corwyn, R. F. (2005). Caring for children around the world: A view from HOME. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 468-478.
- Bradley, R. H., Corwyn, R. F., Burchinal, M., McAdoo, H. P., & García Coll, C. (2001). The home environments of children in the United States. Part 2: Relations with behavioral development through age 13. *Child Development*, 72, 1868-1886.
- Bradley, R. H., Corwyn, R. F., Caldwell, B. M., Whiteside-Mansell, L., Wasserman, G. A., & Mink, I. T. (2000). Measuring the home environment of children in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 247-289.

- Bradley, R., Corwyn, R. F., McAdoo, H. P., & Coll, C. G. (2001). The home environment of children in the United States Part I: Variations by age, ethnicity, and poverty status. *Child Development, 72*, 1844-1867.
- Bradley, R. H., Corwyn, R. F., Whiteside-Mansell, L. (1996). Life at home: same time, different places – an examination of the HOME inventory in different cultures. *Early Development and Parenting, 5*, 251-269.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds), Growing points of attachment: Theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development, Serial nº 209 (1-2)*, 3-35.
- Burston, A., Puckering, C. & Kearney, E. (2005). At HOME in Scotland: validation of the home observation for measurement of the environment inventory. *Child: care, health and development, 31*, 533-538.
- Caldwell, B. & Bradley, R. (1984). *Home Observation for the Measurement of the Environment*. Little Rock, AR: University of Arkansas.
- Caldwell, B. & Bradley, R. (2003). *Home Inventory Administration Manual. Comprehensive Edition*. Little Rock, AR: University of Arkansas.
- Cruz, O. & Aguiar, C. (2008). La consistence de l'intervention éducative parentale: La qualité de l'ambiance familiale et les comportements interactifs de la mère. *European Review of Applied Psychology / Revue Européenne de Psychologie Appliquée, 58*, 177-184.
- Cruz, O., Abreu-Lima, I., Barros, S., Costa, P., & Pacheco, C. (2011). [Escala de Avaliação do Ambiente Familiar: comparação dos resultados observados com três versões da HOME](#). In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, S. Fraga (Eds), *Actas do VIII congresso iberoamericano de avaliação/evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos* (pp.1507-1519). Lisboa: SPP.
- Espy, K. A., Molfese, V. J., & DiLalla, L. F. (2001). Effects of environmental measures on intelligence in young children: Growth curve modeling of longitudinal data. *Merrill Palmer Quarterly, 47*, 42-73.
- Fuligni, A. S., Han W. J., & Brooks-Gunn, J. (2004). The Infant-Toddler HOME in the second and third years of life. *Parenting: Science & Practice, 4*, 139-159.
- Nair, M., Prasanna, G., Jeyaseelan, L., George, B., Resmi, V., & Sunitha, R. (2009). Validation of the Home Screening Questionnaire (HAS) against the Home Observation for the Measurement of Environment (HOME). *Indian Pediatrics, 46*, S55-S58.
- Palacio-Quinton, E., & Terrisse, B. (1997). L'environnement familial et le développement de l'enfant d'âge préscolaire. *Revue internationale de l'éducation familiale, Recherche et intervention, 1*, 71-82.
- Palacios, J., Lera, M.-J., & Moreno, M. C. (1994). Evaluación de los contextos familiares y extrafamiliares en los años preescolares: escalas HOME y ECERS. *Infancia y Aprendizaje, 66*, 71-85.
- Santos, D., Assis, A., Bastos, A., Santos, C., Strina, A., Prado, M., Almeida-Filho, N., Rodrigues, L., & Barreto, M. (2008). Determinants of cognitive function in childhood: A cohort study in a middle income context. *BMC Public Health, 8*, 202.



Titze, K., Koch, S., Helge, H., Lehmkuhl, U., Rauh, H., & Steinhausen, H-C. (2008). Prenatal and family risks of children born to mothers with epilepsy: Effects on cognitive development. *Developmental Medicine and Child Neurology*, 50, 117-122.

Zevalkink, J., Riksen-Walraven, J. M., & Bradley, R. H. (2008). The quality of children's home environment and attachment security in Indonesia. *Journal of Genetic Psychology*, 169, 72-91.

Nota de autor:

Orlanda Cruz, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto; Isabel Abreu-Lima, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Correspondência relacionada com este artigo deverá ser endereçada a Orlanda Cruz, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. Correio eletrónico: orlanda@fpce.up.pt

Recebido em 3/4/2012. Aceito em 15/5/2012.